

Formações Lexicais por Analogia: explicação diacrônica para os nomes populares de estádios de futebol no Brasil¹

Word formation by analogy: diachronic explanations for nicknames applied to Brazilian football soccer stadiums

Pedro PERINI-SANTOS *

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI – UFVJM/BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG/BRASIL

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS – PUC MINAS/BRASIL

Thiago Dornas SILVA*

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS – PUC MINAS/BRASIL

RESUMO

Este artigo apresenta uma proposta analógica para explicar o alto índice de uso de nomes populares com o final [-ão] associados aos estádios de futebol no Brasil: 55,5% dos apelidos de estádios de futebol terminam em [-ão]. O que se sustenta é que a inauguração do estádio hoje apelidado “Mineirão” gerou um efeito analógico para o uso desta marcação mórfica com a finalidade específica de apelidar estádios de futebol no vernáculo nacional. Mesmo reconhecendo que haja imprecisões em seu argumento empírico, sustenta-se que a explicação por

¹ Esta pesquisa foi realizada com financiamento parcial da Fapemig e com apoio da PUC-Minas.

*Sobre os autores ver página 41.

analogia é mais adequada do que a suposição da existência de regras de formação de palavras autônomas.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia. Analogia. Estádios de futebol. Apelidos. “Mineirão”.

ABSTRACT

This paper proposes an analogy in order to explain the high rate of use of the morpheme [-ão] in nicknames given to Brazilian stadiums: 55.5% of them end with this mark [-ão]. What we propose is that the inauguration of the stadium nowadays called “Mineirão” started the use of the morphological information with the specific purpose of dubbing football stadiums in the national vernacular. Even if we consider that there are some inaccuracies in its empirical argument, we still argue that the explanation by analogy is more appropriate than the assumption of the existence of autonomous word formation rules.

KEYWORDS: *Morphology. Analogy. Football Soccer Stadiums. Nicknames. “Mineirão”.*

1 Apresentação

O presente artigo apresenta os resultados de pesquisa referente ao uso de nomes populares dos estádios de futebol do Brasil registrados junto à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e sua interpretação como possível exemplo de criação de itens lexicais por processo analógico². Através da coleta de dados junto a um órgão da imprensa escrita mineira, foi constatada tendência para o uso da forma popular “Mineirão”, cuja especificidade é o final com o ditongo [-ão], a ser explicada por processo analógico. O caso aqui estudado ilustra a opção explicativa por Processos Analógicos (PA) em detrimento das Regras de Formação de Palavras (RFP) na constituição e no uso de novos itens lexicais.

² Agradecemos aos precisos comentários dos pareceristas da Revista que permitiram tonar o texto mais claro e coeso. Mesmo assim, claro, a responsabilidade do que está proposto é exclusiva dos autores.

2 Sobre os dados coletados

2.1 Distribuição de nomes e apelidos dos estádios no Brasil

De acordo com os registros da CBF (2009), dos 634 estádios de futebol brasileiros, 331 são conhecidos pelo nome oficial e 303 têm alguma forma de apelido, sendo que, entre esses, 168 são conhecidos por alguma nomeação terminada com o ditongo [-ão]. Os demais 135 estádios apelidados apresentam outro tipo de nome popular. Os dados aparecem organizados na tabela a seguir³.

Tabela 1: Distribuição de ocorrência de apelidos nos estádios de futebol

Estádios	Nº de Unidades	%	
Sem Apelido	331	52,2	
Com Apelidos em [-ão]	168	303	26,5
Com Outros Apelidos	135		21,3
TOTAL	634	100	

Fonte: CBF, 2009

Considerando-se apenas os estádios apelidados, observa-se que a maior parte dos nomes populares traz a marcação mórfica final [-ão]. Têm-se assim dois grupos de apelidos:

- 1. Estádios com apelidos com o final em [-ão] (168 ou 55,5% dos casos):** “Engenhão”, para o estádio João Havelange, situado no bairro Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro (RJ); “Serejão”, para o estádio Elmo Serejo Farias, em Taguatinga (DF) e “Mineirão”, para o estádio Governador Magalhães Pinto, em Belo Horizonte (MG).
- 2. Estádios com outras formas de apelido (135 ou 45,5% dos casos)** “Mutange” para o estádio Gustavo Paiva, em Maceió (AL), “LM” para o estádio Lindolfo Monteiro, em Teresina (PI), “Dutra”, para o estádio Presidente Dutra, em Cuiabá (MT), e “Scarpelli”, para o Orlando Scarpelli, em Joenville (SC).

³ Para a lista completa dos estádios, ver: <http://www2.cbf.com.br/cnef/cnef.pdf>.

Distribuídos pelas regiões do país, observa-se maior ocorrência dos apelidos com o final [-ão] no Norte: são 17 ocorrências sobre um total de 40 estádios, e no Nordeste, com 82 casos sobre um total de 201. Relativamente ao montante de estádios apelidados: na região Norte, 65,3% (17/26) apresentam a marca estudada; e na região Nordeste, 70,0% (82/117) dos apelidos terminam em [-ão]. Em contrapartida, constataram-se menores ocorrências proporcionais nos estados do Sul do país: no Rio Grande do Sul, apenas o estádio Antônio Vieira Ramos tem um codinome, o “Vieirão”; em Santa Catarina, são apenas dois os casos: “Ernestão” e “Gigantão”, e no Paraná, são três: “Carangueijão”, “Pinheirão” e “Felipão”, ou seja, 15,3% (6/36) com a marca estudada sobre um total de 39 estádios apelidados.

Tabela 2: Distribuição proporcional de ocorrência de alguma forma de apelido (por região do país)

Regiões	Apelido em [-ão]	%	Outro Apelido	%	Total	%	Sem Apelido	%	TOTAL
NO	17	42,5	9	22,5	26	65,0	14	35,0	40
NE	82	40,8	35	17,4	117	58,2	84	41,8	201
CO	27	26,5	19	18,6	46	45,1	56	54,9	102
SE	36	18,5	39	20,0	75	38,5	120	61,5	195
SU	6	6,25	33	34,4	39	40,6	57	59,4	96
Total	168	26,5	135	21,3	303	47,8	331	52,2	634

Observa-se também que nas regiões Sudeste e Sul há menos estádios apelidados: respectivamente, 61,5% e 59,4% das arenas não são reconhecidas por apelidos, sendo que, quando ocorrem, há maior incidência de nomeações populares diferentes da forma aqui estudada. São encontrados apelidos com o final [-ão] em 18,5% dos casos no Sudeste e em apenas 6,25% dos casos de apelidos no Sul. Configuração oposta ocorre nas regiões Norte e Nordeste, onde foram localizados 65,0% e 58,2% de estádios apelidados, sendo que os apelidos em [-ão] aparecem em 42,5% e 40,8% dos casos. Especificamente para o Estado de Minas Gerais, encontram-se registrados 36 estádios de futebol junto à CBF. Desses, 13, ou 36,1%, têm alguma forma de apelido, sendo que 08 trazem a marca final [-ão]: “Penidão”, “Melão”, “Ipatingão”, “Uberabão”, “Marmudão”, “Ronaldão”, “Farião” e “Mineirão”; o que equivale a 61,5% dentro da categoria nomes populares.

1.2 Proposta explicativa: apelidos em [-ão] ocorrem por analogia

Constatada essa expressiva presença de nomes com o final [-ão], a pergunta a ser respondida passa a ser a seguinte: por que há essa alta incidência de apelidos com tal característica mórfica? Sem se pleitear uma regra formal, mas uma tendência de uso, formulamos a proposta:

São usados apelidos com o final [-ão] em parte significativa dos estádios de futebol do Brasil, porque essa forma é analogicamente motivada pela nomeação popular do estádio Governador Magalhães Pinto como “Mineirão” em 1965.

Para checar essa hipótese, foram coletados dados em fontes primárias. Foram consultadas as publicações diárias do Caderno de Esporte do jornal ESTADO DE MINAS desde o dia seguinte à inauguração do estádio até o final dos anos 1980, quando o fenômeno já estava caracterizado. Às passagens textuais onde as ocorrências foram reconhecidas, aplicou-se tratamento quantitativo através do software TextSTAT.

2.3 Sobre a coleta de dados: Caderno de Esportes de 1965 a 1971

Para a coleta das formas nominativas para o Estádio Governador Magalhães Pinto, acessou-se a duas hemerotecas. Parte dos dados foram obtidos nos arquivos do jornal ESTADO DE MINAS (jornal EM), que disponibiliza parcela de seu histórico em documentos microfilmados. A outra parte dos dados foi acessada na hemeroteca da Biblioteca Pública Luiz de Bessa, em Belo Horizonte.

3 O estabelecimento popular do apelido “Mineirão”

3.1 Sobre os processos analógicos: diacronia e evento mórfico inicial

Os processos analógicos têm caráter diacrônico em si próprio, porque supõe-se necessariamente a existência de alguma ocorrência cronologicamente inicial. Compreende-se criação de palavra por analogia

(PA) situação na qual as formas lexicais derivadas são motivadas pela replicação de formas anteriores. Exemplo deste processo é aludido por Said Ali em sua explanação sobre os advérbios com o traço mórfico [– mente]:

Essa terminação nada mais é do que o ablativo do latim *mens* v.g. em *bona mente*. Por algumas locuções deste tipo se modelaram outras muitas, acabando por obliterar-se a significação primitiva do substantivo e passando este a valer tanto como um sufixo derivativo (SAID ALI, 2000 [1921], p. 140) [destaque acrescido]

Essa ocorrência inicial será aqui nomeada como Momento Mórfico Inicial (MMI), que é uma tradução adaptada da expressão “starting point” proposta por Brian Joseph (2001). É a partir de um MMI que se estabelece um Processo Analógico (PA).

Os PAs podem ser internos ou externos aos repertórios lexical e mórfico da língua. Como Processo Analógico Externo, Joseph (2001) cita o caso da propagação transcontinental do sufixo [–gate] como indicativo lexical de escândalo ou algo semelhante. A partir do conhecido caso “Watergate”, em vários países e em várias línguas, foram cunhadas formas análogas como “Collorgate” (Brasil), “Rubygate” (Itália), “Reutersgate” (Alemanha), “Shingate” (Coreia do Sul) e mais uma centena de casos listados que se propagam pelos 5 continentes⁴. Ainda na categoria PA-externo, podemos reconhecer a nomeação brasileira usada para sanduíches a partir do modelo [X +...], como ocorre em X-filet, X-queijo, X-tudo, X-frango, X-bacon, X-salada etc. A grafia X– é uma forma gráfica esquizoide derivada da palavra inglesa “cheese” – pronuncia-se [ʃɪs] – que exerce meronimicamente a função referencial no caso dos sanduíches brasileiros, ou seja, [X–] tem o valor genérico de sanduíche a ser especificado pelo complemento em destaque que segue o hífen.

A categoria Processo Analógico Interno pode ser ilustrada pelas formas brasileiras “sambódromo”, “camelódromo”, “fumódromo”, “namoródromo” e “pingódromo”, considerando-se o sufixo [–dromo]

⁴Para ter acesso à lista: https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_scandals_with_%22-gate%22_suffix (disponível em novembro 2013).

pertencente ao repertório do vernáculo nacional antes do uso dessas expressões. Outro caso de PA-interno do vernáculo nacional é a alta produtividade de nomeações para os coquetéis feitos com cachaça iniciados por [caipi-], como acontece em “caipifruta”, “caipimanga” e “caipiruva”⁵. Isso posto, alguns apontamentos teóricos e metodológicos sobre os processos analógicos já podem ser feitos:

1. O estabelecimento de itens lexicais novos por processo analógico tem caráter diacrônico e supõe um momento inicial, sendo que esse evento pode se estabelecer como modelo.
2. O estudo analógico diacrônico busca localizar o momento inicial e sua elevação ao estatuto de modelo dadas as circunstâncias que permitiram essa efetivação como tal.
3. Por Momento Mórfico Inicial (MMI), compreende-se ocorrências iniciais com significativa repercussão social ou a propagação abrupta do uso de formas existentes.

Propõe-se, assim, que os processos analógicos de formação de novas palavras são ressegmentações ou reinterpretações de material mórfico já presente na língua em questão ou que a ela foi incorporado por alguma relação de contato, que tiveram sucesso em sua propagação (*cf.* JOSEPH, 2001).

3.2 O que se considera como evento mórfico inicial

O nome popular “Mineirão” associado ao estádio Governador Magalhães Pinto é aqui considerado como MMI. Como veremos mais adiante, o fato de não ser a primeira ocorrência desta forma mórfica de apelido não inibe a proposta da analogia aqui apresentada. O reconhecimento do efeito MMI leva em conta aspectos referentes à propagação e o uso desta forma. Mesmo que a outros estádios, à época, pequenos e em cidades pequenas, se associassem apelidos em [-ão], sustentamos que o evento na capital mineira teve o eco necessário a lhe reconhecer o valor de MMI⁶.

⁵ Outros casos de formação lexical brasileira são apresentados em Perini-Santos e Mello (2011).

⁶ Vide Anexo: Outras Indicações Documentais.

O estádio foi inaugurado no dia 5 de setembro de 1965 com a vitória do Atlético Mineiro sobre o argentino River Plate, com um público presente de aproximadamente 100.000 pessoas (cf. JORNAL EM, 07/09/1965). A primeira ocorrência do apelido “Mineirão” foi encontrada em 21 de novembro de 1965 e aparece documentada na Figura 1. A Figura 2 anuncia a nomeação oficial “Estádio Governador Magalhães Pinto” ocorrida em 11 de janeiro de 1966, por determinação do governador do Estado; mas essa não “vingou”.



Figura 1⁷
(Fonte: Jornal ESTADO DE MINAS)



Figura 2⁸
(Fonte: Jornal ESTADO DE MINAS)

O dia 21 de novembro de 1966 será considerado como MMI a ser efetivado como modelo no decorrer do processo analógico. O fato do apelido aparecer em uma publicidade (*cf.* Figura 1) sugere que já havia alguma prática social da forma “Mineirão”. O momento inicial de uso da expressão registrado em texto escrito é uma referência documental, mas supõe-se seu uso oral anterior.

A efetivação do modelo lexical NOMES POPULARES PARA ESTÁDIOS MARCADOS COM FINAL [–ão] ocorre entre 1966 e 1967. Esquematicamente, pode-se indicar as etapas de um processo analógico da seguinte forma:

⁷ Primeira ocorrência da expressão em 21/11/1965.

⁸ Notícia sobre a nomeação oficial “Governador Magalhães Pinto” em 19/01/1966.

PROCESSO ANALÓGICO

Momento Mórfico Inicial > Reconhecimento Popular > Modelo Analógico > Novos Itens

Quadro 1: Processo analógico

No caso estudado, engatilha-se o processo de amadurecimento de um modelo de apelidos para estádios em [-ão] a partir dos primeiros registros documentais de uso pela imprensa escrita da palavra “Mineirão” em 1966. Esse uso episódico se estabelece como MMI em 1967 e, assim, torna-se uma forma nominativa replicante que gera possível tendência para o surgimento de novos itens lexicais similares dentro de contexto de uso semelhante.

3.3 Sobre a consulta dos dados

Foram consultados os Cadernos de Esportes dos quatro últimos meses do ano do Jornal **O Estado de Minas** entre setembro de 1965 e setembro 1971. Constatou-se a predominância do nome “Mineirão” em relação às duas outras formas de nomeação, que são o nome oficial do estádio, “Governador Magalhães Pinto”, e as expressões epitéticas ou descriptivas “Colosso da Pampulha”, “Gigante da Pampulha”, “Majestoso da Pampulha” ou “Estádio Minas Gerais” usadas pelo jornal EM. Acresceu-se à contagem realizada os anos de 1975, 1980, 1988 e 1989, sendo o ano de 1989 o último período publicamente disponível nas hemerotecas consultadas. Mesmo que em quantidade inferior, em função de mudanças editoriais do jornal, os dados referentes ao período confirmam a tendência já consolidada nas décadas anteriores:

Tabela 3: Nomeações para o estádio Gov. Magalhães Pinto, entre 1965/1971; 1975, 1980, 1988 e 1989

Ano	Nomeações		
	Gov. Magalhães	Formas Epítéticas ou Descritivas	Mineirão
1965	0	492	2
1966	13	288	3
1967	16	7	240
1968	4	41	242
1969	0	14	312
1970	1	7	336
1971	2	8	314
1975	0	2	361
1980	0	12	351
1985	0	0	466
1988	0	0	316
1989	0	1	127

Fonte: jornal ESTADO DE MINAS

Graficamente, tem-se a apresentação:

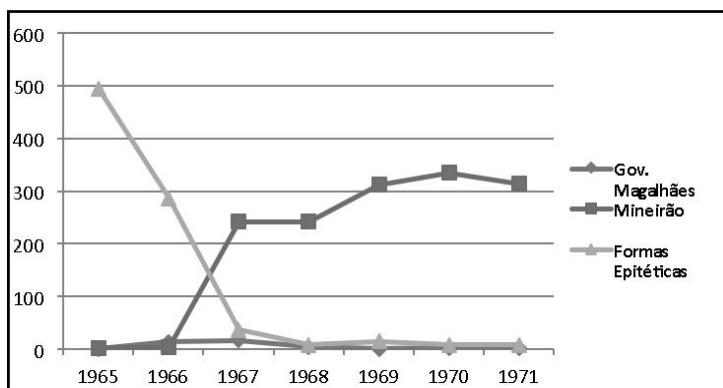


Gráfico 1: Evolução do uso das nomeações para o estádio Gov. Magalhães Pinto, entre 1965 e 1971

O gráfico 1 permite observar como se deu a substituição das formas epítéticas ou descritivas pelo apelido considerado. O nome oficial foi desde o início muito pouco usado. Pode-se falar que o jornal EM não incorporou o nome de registro oficial como forma referencial. Usou-se com maior frequência um rol de sintagmas nominais (SN) compostos até a consolidação

do apelido “Mineirão”. Em 1967, ocorre nítido crescimento no uso do apelido inversamente ao uso dos SNs referenciais: passa-se de 7 para 240 ocorrências de “Mineirão”, e de 288 para apenas 3 usos das formas epitéticas listadas. Por esse motivo, consideramos o ano de 1967 como período crítico para o estabelecimento da forma motivadora dos demais apelidos com o final [–ão] a serem propostos por analogia.

3.5 Relativizando o MMI “Mineirão”

Antes da inauguração do estádio Governador Magalhães Pinto e sua nomeação popular como “Mineirão”, já havia 10 estádios apelidados em [–ão]. A lista com os nomes oficiais, apelidos, capacidade de público e data de abertura vem na tabela a seguir⁹:

Tabela 4: Nomeações para estádios com apelido em [–ão] inaugurados anteriormente a 1965

Nome Oficial / Apelido	Cidade/Estado	Capacidade	Inauguração
1. Ademar de Barros / Adermazão	Araraquara / SP	20.000	22/04/1905
2. Agostinho Prada / Pradão	Limeira / SP	10.000	27/04/ 1905
3. Evandro de Almeida / Baenão	Belém / Pará	2.500	18/08/1917
4. Nielson Louzada / Louzadião	Mesquita / RJ	6.000	09/05/1920
5. Hercílio Luz / Gigantão	Itajaí / SC	12.000	25/09/1921
6. Ary de Oliveira e Souza / Arizão	Campos / RJ	?	09/01/1938
7. Glicério de Souza Marques/ Glicerão	Macapá / AP	5.600	15/01/1950
8. Coarcy de Mata Fonseca / Fumerão	Arapiraca / AL	12.500	25/09/1952
9. Aluízio Pinheiro Ferreira / Aluizão	Porto Velho / RO	?	17/05/1957
10. Alfredo de Castro/ Alfredão	Bauru / SP	19.000	05/06/1960

É certo que esses dados indicam que a nomeação popular “Mineirão” não é a primeira ocorrência, mas há elementos que fazem com que nele se reconheça o efeito MMI; são eles: (a) A localização: além do “Mineirão”, encontram-se em capitais estaduais apenas os estádios “Baenão”, em Belém, e “Aluizão”, em Porto Velho; (b) a capacidade de público: os estádios não têm capacidade superior a 20.000 torcedores; o estádio mineiro poderia

⁹ Não temos as informações sobre quando o nome atual e o respectivo apelido passaram a ser usados, apenas informações *on line*. É bastante provável que haja nomes e apelidos em [–ão], cujo uso date de bem depois da inauguração aqui listada. O estádio Ademar de Barros (Araraquara, SP), apelidado “Ademarzão”, certamente tem esse nome após, pelo menos, a primeira gestão do governador Ademar de Barros entre 1947 e 1951.

receber cerca de 120.000 pessoas, e a alta tiragem do jornal ESTADO DE MINAS. Considerando esses elementos, podemos diferenciar um MMI de ocorrências anteriores que não tenham efeitos analógicos.

Para que um modelo mórfico seja adotado por uma comunidade de falantes, o uso dito inicial deve ser, de fato, praticado pela comunidade. Provavelmente, os estádios antes reconhecidos pelo apelido com forma igual não eram conhecidos do público mineiro. Mesmo que o fossem, relativamente à comunidade da fala mineira, “Mineirão” passou a ser, quase que exclusivamente, a única nomeação para o estádio. Por se tratar de um edifício construído na capital de um Estado do Sudeste, por ter uma capacidade de público bastante representativa – à época a segunda maior do país – e, finalmente, por ter o nome usado por jornal com ampla circulação, é esse o caso ao qual se atribui o valor de *gatilho* que se efetivará como MMI.

Assim, mesmo que a expressão “Mineirão” tenha sido motivada pelo conhecimento de usos anteriores, a efetivação como modelo analógico teve lugar na capital mineira. Assim, pode-se distribuir os dados coletados em três categorias analíticas. Antes do MMI, foi constatada a ocorrência de 10 casos de apelidos terminados em [-ão]; após o fenômeno do estádio belorizontino, 292 estádios passaram a ser conhecidos com esse tipo de nomeação. Consideradas agora as etapas propostas para o Processo Analógico estudado, considerada a devida relativização, tem-se a seguinte linha cronológica proposta:

← ANTES DE 1965	1965	1966/1967	1967 EM DIANTE →
... / Outros Estádios	/ Momento Mórfico Inicial	/ ... Modelo Analógico	/ ... Outros Estádios

Quadro 2: Etapas do processo analógico
para nomeação dos estádios com o final em [ão]

4 Discussões teóricas

4.1 De regras para tendências: das RFPs para os PAs

As Regras de Formação de Palavras (RFPs) são constructos teóricos gerativistas que vieram a público com as publicações *The Sound Patterns of English* (Chomsky e Halle, 1968) e “Remarks on Nominalization” (CHOMSKY, 1970). É traço marcante da proposta gerativista a desconsideração do processo histórico como fator explicativo para o

funcionamento regular das ocorrências linguísticas. Sua metodologia lega à observação empírica papel secundário e sustenta que as línguas podem ser descritas sem serem consideradas factualmente. Vigeu assim um período de pouca aceitação para correntes de pesquisa que a ela não se adequavam, sendo que, entre essas, está a diacronia. Por esse motivo, pesquisadores que se dedicam a tais opções epistemológicas evocam a inibição proveniente da então corrente dominante. Assim o fazem Joan Bybee e Paul Hopper (2001):

Um dos legados da tradição estruturalista é a ampla aceitação da premissa de ser a estrutura linguística independente do uso linguístico. Essa premissa é codificada em dicotomias teóricas distintas tais como *langue* e *parole* (Saussure), e *competence* e *performance* (Chomsky) (BYBEE; HOPPER, 2001, p. 1)

Os estudos lexicais, no Brasil, também viveram esse conflito. Margarida Basílio identifica o problema, salientando que:

(a) toda e qualquer construção descrita por RFP [Regras de Formação de Palavras] pode ipso facto ser descrita por PA [Processo Analógico], e (b) nem todas as construções por PA são adequadamente descritas por RFP, a menos que se altere significativamente nosso entendimento do que sejam RFP (BASÍLIO, 1997, p. 18)

Para Basílio, os PA são mais eficazes na explicação da formação e no reconhecimento de novos itens lexicais do que as RFP, *salvo se houver uma recomposição teórica deste aparato explicativo gerativista*, relativiza a autora nesse mesmo artigo.

4.2 Acidentes, contatos e mudanças lexicais

Modelos analógicos são permeáveis à consideração de acidentes linguísticos. Assume-se ser possível o surgimento de formas advindas de usos externos à língua em questão e à ocorrência de propagação de formas lexicais não previstas nas Regras de Formação de Palavras. No lugar de se pensar que existem regras a partir das quais se criam palavras,

aponta-se para a existência de usos que podem se consolidar como modelos que permitem a criação e a interpretação de itens lexicais por analogia. Ao contrário da proposta gerativa, a apostila nos Processos Analógicos reconhece nas ocorrências *elas mesmas* a consolidação de alguma forma de regularidade.

4.3 Proposta de categorização mórfico-lexical

Dada a opção por processos analógicos, propomos possíveis categorias para as criações lexicais a partir dos resultados desta pesquisa. O que apresentaremos não abrange os casos em que as mudanças na forma final das palavras passou por processos fonológicos de tal forma que a história de seu estabelecimento torne-se irreconhecível no significante atual.

A título de ilustração desse tipo de fenômeno, relatamos o percurso diacrônico do hoje verbo inglês *to secure* (≈ assegurar) historiado a partir da incorporação de uma das variações do prefixo indo-europeu [swe-] (≈ *self*, em inglês) por algumas línguas contemporâneas. Segundo o processo narrado por John McWhorter (2011), [swe-] assume formas distintas no uso atual, mas mantém um rastro diacronicamente reconhecível. Modificada por ambientes fonológicos, mórficos e semânticos particulares, esse sufixo dá origem à marca reflexiva *se* das línguas neolatinas como em *Ele se lava* [port.], *Il se lave* [fr.] e *Él se lava* [esp.]. O prefixo [swe-] também está interessantemente presente na configuração da expressão grega *idioma*. Em função do apagamento do fonema inicial [s] e da incorporação da conjugação verbal de primeira pessoa [-m], fenômenos próprios à língua grega, relata o autor, tem-se a seguinte evolução: (*s*)*wedyo* > *edyo* > *idio* > *idio(m)* > *idioma*. Finalmente, para o verbo *to secure*, McWhorter (2011) argumenta que o sufixo [swe-] passa a ser usada sob a roupagem latina como *sed* (≈ *à parte*) que, associado à forma nominativa *cura* (≈ *cuidado, preocupação*), estabelece-se como *sed-cura* > *secure* (≈ *preocupação à parte*). Esse longo processo histórico indica que o reconhecimento da composição lexical limita-se à possibilidade de documentação diacrônica disponível e ao reconhecimento dos

fenômenos fonológicos concernidos. Assim, se se dispuser de todo um aparato histórico explicativo, expressões ditas monomorfêmicas podem ser reinterpretadas como palavras que, de fato, foram efetivadas tal como o são por processos composticionais, flexionais ou derivacionais.

4.4 As categorias de criação lexical: enquadrando o “Mineirão”

Vamos nos servir de categorias sobre criação lexical recorrentes. Apenas a última oferece nomeação diferente do que encontramos na literatura técnica estudada (SPENCER e ZWICKY, 2001; BOOIJ, 2005). *Modelo analógico por derivação adjetival* é uma categoria que assume o uso que exercem as palavras em seus contextos sociais como elemento pertinente de sua interpretação; o modelo “Mineirão” será alocado nessa última categoria.

4.4.1. Palavras onomatopeicas

Onomatopeias são itens lexicais que codificam em formas orais ou em formas gráficas sons específicos que remetem direta ou indiretamente a eventos, a objetos ou a traços sensorialmente reconhecíveis de eventos ou de objetos; são exemplos dessa categoria os itens: *au-au* (port.), *woof-woof* (ingl.); *fon-fon* (port.) e *to beep* (ingl.).

4.4.2. Palavras monomorfêmicas

Definem-se como palavras monomorfêmicas aquelas cujo significante não se interpreta em partes separadas com valores semânticos ou funcionais próprios; são exemplos dessa categoria os itens: *casa* (port.), *house* (ingl.) e *maison* (fr.).

4.4.3. Composições lexicais

A formação de palavras por composição fica entre a morfologia estrito senso e a sintaxe, uma vez que se caracteriza, por definição, pela junção de duas ou três palavras mórficas e semanticamente autônomas. Atribui-se ao processo de composição o traço de ser aquele que mais se diferencia em sua organização tipológica, podendo assumir as ordens

verbo-verbo, adjetivo-nome, verbo-nome, adjetivo-adjetivo e nome-nome, sendo essa última a mais frequente; são exemplos de composição os itens: *segunda-feira* (port.), *monday* (ingl.), *lundi* (fr.) e *lunedì* (it.).

4.4.4. Derivações

As derivações não são regidas sintaticamente como o são as flexões, ou seja, o funcionamento formal dessas palavras depende da categoria na qual se encontram, sendo que pode haver mudança de categoria lexical em processos de derivação; são exemplos de derivação as palavras a seguir: *correta* > *corretamente* (port.) e *correcte* > *correctement* (fr.)

4.4.5. Derivações adjetivais

Compreendemos por derivações adjetivais as palavras às quais a incorporação de algum mecanismos derivacional é interpretada de forma diferente do aporte semântico, digamos, do afíxo incorporado. Nos casos a seguir, o uso de marcas ditas de diminutivo, [-inho], e de aumentativo, [-ão], permite interpretações alheias aos significados de diminuição ou de ampliação das dimensões do substantivo morficamente modificado.

4.4.6. Modelo analógico por derivação adjetival: o caso “Mineirão”

A categoria “modelo analógico por derivação adjetival” se inspira na proposta do “enriquecimento pragmático” (*pragmatic enrichment*) apresentada por François Récanati (2010) que, aplicada a casos de composições nominais, pode ser sintetizada da seguinte forma: a atribuição de referência a uma expressão dêitica é dependente do contexto. Assim, quando se diz algo como *Ela é bonita*, é necessário que se associe a forma *ela* a algum ente presente no contexto para que a sentença possa ser semanticamente referente e ser avaliada como verdadeira ou como falsa. Dêiticos e pronomes são casos assim e podem ser nomeados como *context-sensitive expressions*. Ainda em Récanati (2010), as expressões inglesas *swan* (cisne) e *boat* (barco) não dependem do contexto de uso para serem associadas a um conteúdo semântico, ou seja, sua especificidade semântica é autônoma; ambas não são *context-*

sensitive expressions. No entanto, a expressão composta *swan boat*, segundo o autor, é contextualmente dependente “porque apenas *boats* que tenham esta relação com *swans* chegam a ter a extensão *swan boat*. ” (RÉCANATI, 2010, p. 3). Ou seja, apenas um “barco com cara de cisne”, que não existe como categoria, tem valor referencial

A partir desse raciocínio, o modelo analógico derivado do MMI “Mineirão” pode ser pensado da seguinte forma: o uso recorrente de uma marcação mórfica específica aplicada a uma categoria específica em situação de uso também específico faz com que o valor referencial dessa marcação assuma valor analógico que permita ilações para casos futuros. A marca [-ão] assume valor analógico para sua interpretação como nomeação de estádios de futebol. Como mais da metade dos apelidos de estádios de futebol do país têm esse final característico, a interpretação de “ser apelido de estádio de futebol” é reconhecida na forma expressão caracterizada pela marca estudada. Resulta que estádios ainda não inaugurados já são apelidados segundo o modelo analógico consolidado. Esse são os casos dos estádio do Corinthians (São Paulo/SP) em construção no bairro Itaquera, e do São Paulo, também da capital paulista, em obras na região de Pirituba; respectivamente apelidados como Itaquerão e Piritubão.

5 Comentários Conclusivos

A análise do modelo analógico derivado da nomeação “Mineirão” apresentado neste artigo permite propor os seguintes comentários conclusivos.

O fato de propormos interpretação para um modelo analógico recente e documentado evidencia que as mudanças ocorrem em função do uso feito pela comunidade.

A necessidade comunicativa gera a demanda por novas formas lexicais. Não se pensaria em novos nomes de estádios de futebol se não houvesse novos estádios de futebol a serem nomeados.

O reconhecimento de ser essa tendência de uso lexical um processo analógico lega valor explicativo aos usuários e às condições comunicativas vigentes em determinado momento.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, Margarida. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. **Veredas**, v. 1, n. 1, p. 9-21, 1997.

BOOIJ, Geert. **The Grammar of Words –an introduction to linguistic morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2005

BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. **Frequency and the Emergence of Linguistic Structure**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001.

Confederação Brasileira de Futebol. Disponível em: <http://www2.cbf.com.br/cnef/cnef.pdf>. Acessado em julho de 2009.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The Sound Pattern in English**. Massachutts: MIT Press, 1968.

CHOMSKY, Noam. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, Roderick; ROSENBAUM, Peter (Org.) **Readings in English Transformational Grammar**. Waltham: Ginn & Co., 1970.

JOSEPH, Brian. Diachronic Morphology. In: SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold (eds.). **The Handbook of Morphology**. Oxford/Malden: Blackwell, 2001.

MCWHORTER, John. **What Language is (and what it isn't and what it could be)**. New York: Gotham Books, 2011.

PERINI-SANTOS, Pedro; MELLO, Heliana. Inovações na Morfologia do Português Brasileiro: tendências para a ampliação do léxico por gramaticalização, lexicalização e analogia. **Domínios de Linguagem**, v. 5, n. 2, p. 1-23, 2011.

RÉCANATI, François. **Pragmatic enrichment**. Disponível em: http://jeannicod.ccsd.cnrs.fr/docs/00/50/39/59/PDF/Pragmatic_enrichmentFINAL.pdf. Acessado em janeiro de 2012.

SAID ALI, Manuel. **Dificuldades da Língua Portuguesa**. Brasília: UnB, 2000. Edição original: 1921.

SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold (eds.). **The Handbook of Morphology**. Oxford/Malden: Blackwell, 2001.

*Recebido em agosto 2013.
Aprovado em novembro de 2013.*

SOBRE OS AUTORES

Pedro Perini Frizzera da Mota Santos é doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, com estágio de pesquisa (visiting scholar) na University of California, at Davis (2007). É professor Adjunto I do Departamento de Letras da UFVJM. É pesquisador dos grupos Incógnito (UFMG/CNPq), NECODI (UFMG/CNPq), e Líder do grupo GELVI (FAPEMIG/CNPq). Tem experiência na Linguística com ênfase em descrição e teoria linguísticas, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria linguística, gramática, morfologia, cognição e linguística de corpus infantil. E-mail: pedro.perini.santos@gmail.com

Thiago Henrique DORNAS SILVA é graduado em Letras pela PUC-Minas; professor da rede municipal de ensino no município de Sarzedo. Participa do grupo de pesquisa GELVI (FAPEMIG/CNPq), atuando na linha de pesquisa Estudos das Inter-relações entre Linguagem, Cognição e Cultura. E-mail: thdsilva@yahoo.com.br